

# Vladimir Maiakóvski – Hino ao crítico

Da paixão de um cocheiro e de uma lavadeira  
Tagarela, nasceu um rebento raquítico.  
Filho não é bagulho, não se atira na lixeira.  
A mãe chorou e o batizou: crítico.  
O pai, recordando sua progenitura,  
Vivia a contestar os maternais direitos.  
Com tais boas maneiras e tal compostura  
Defendia o menino do pendor à sarjeta.  
Assim como o vigia cantava a cozinheira,  
A mãe cantava, a lavar calça e calção.  
Dela o garoto herdou o cheiro de sujeira  
E a arte de penetrar fácil e sem sabão.  
Quando cresceu, do tamanho de um bastão,  
Sardas na cara como um prato de cogumelos,  
Lançaram-no, com um leve golpe de joelho,  
À rua, para tornar-se um cidadão.  
Será preciso muito para ele sair da fralda?  
Um pedaço de pano, calças e um embornal.  
Com o nariz grácil com um vintém por lauda  
Ele cheirou o céu afável do jornal.  
E em certa propriedade um certo magnata  
Ouviu uma batida suavíssima na aldrava,  
E logo o crítico, da teta das palavras  
Ordenhou as calças, o pão e uma gravata.  
Já vestido e calçado, é fácil fazer pouco  
Dos jogos rebuscados dos jovens que pesquisam,  
E pensar: quanto a estes, ao menos, é preciso  
Mordiscar-lhe de leve os tornozelos loucos.  
Mas se se infiltra na rede jornalística  
Algo sobre a grandeza de Púchkin ou Dante,  
Parece que apodrece ante a nossa vista  
Um enorme lacaio, balofo e bajulante.

Quando, por fim, no jubileu do centenário,  
Acordares em meio ao fumo funerário,  
Verás brilhar na cigarreira-souvenir o  
Seu nome em caixa alta, mais alvo do que um lírio.  
Escritores, há muitos. Juntem um milhar.  
E ergamos em Nice um asilo para os críticos.  
Vocês pensam que é mole viver a enxaguar  
A nossa roupa branca nos artigos?

**Vladimir Maiakóvski, Poesia russa moderna**